

# O Surto Francês, Coveiros do Terceiro Império e Senda para o Quarto

MD Magno

Distanciada a perspectiva, visto de cima da colina da Covid, podemos hoje compreender esse fenômeno *Unheimlich* (ao mesmo tempo bem familiar e muito estranho) que ocorreu nos finalmentes do desesperado Século XX. Depois do XIX da Histeria, a Paranoia deslanchou-se e, para encerrar-se com grandeza, surtou potentemente com formatação francesa.

Aliás, o surto começou cá mesmo no Brasil (ah! Aquela sonhada França Antártica), quando um jovem Professor, instalado nas prebendas da bendita USP, gravemente sintomatizou-se com as emergências do Segundo Império e do Terceiro: quais seriam as fundações mais básicas do assim chamado Parentesco?

Foi procurá-las entre os Índios: questão de primitividade dos conceitos. Tupi pra lá, tupi pra cá, or not tupi, acabou açambarcando uma pletora de anotações e garatujas – com as

quais não tinha a menor ideia do que fazer para um constato. É claro que, com seu cacoete francês subdito a dascartas, a coleta mesma já não era inocente a uma certa viciosa arrumação meio forçada. Claro que estou falando desse rapaz brilhante, excelente escritor, com sobrenome de Calça Lee, mas que logo fez com que esse nome superasse de montão qualquer indústria para se tornar o de um conhecido Gênio Lévi-Strauss. Só acontece que seu carro chefe edipiano da Interdição do Incesto, está hoje completamente desmoralizado: pela pílula anticoncepcional, pela laqueadura e, mais que tudo, pela manipulação genética que já permite todo tipo de manobras e de truques.

Felizmente, em seguida trasladou-se para os *States*, onde acabou por topar com um *Scholar* mais velho e mais sabido que estava mesmo doido para encontrar oportunidade boa para linguisticizar o entendimento. Jakobson fez a cabeça do rapaz e preparou seu cérebro para ser uma perfeita maquininha de inventar... estruturas. E fica então gestado nessa cópula o famigerado Estruturalismo, uma colcha de retalhos maisoumenasmente incoerente, mas unificada só por ser afinal a mesma colcha – embora de retalhos, como disse.

Isso foi parar em Paris: ih!, foi uma festa. Nada mais francês do que uma cartesianada linguística. Já de tempo

subvertidos por Surrealismos e arredores, os intelectuais franceses só regozijaram. Hora de retomar terminalmente todo o passado; com o máximo rigor certamente, construtivo e/ou destrutivo tanto faz – desde que aquele Império finalmente se mostrasse, ou senão que se acabasse, triunfalmente se acabasse. Embora não soubessem, conscientemente pelo menos, que era justo o que estavam fazendo. Tanto que fizeram...

Comecemos com o gênio mais esquisito e talvez mais oneroso, com sua obra, tão difícil e tão ousada, de reler nessa moda o velho Freud. Assim sendo, com vocação de pegada “rigorosa”, acabou por reinventar a tal Psicanálise como uma espécie de Catolicismo Abstrato, totalmente nova. Sem deixar também de bem fundar e bem disseminar a sua Igreja. Filho de pai dominado por avô ponderoso, entendeu muito bem, em Nome do Pai, do Filho e do Espírito-Santo (ali chamado de Sujeito – *et pour cause*) que o Significante da linguística, já pós-saussuriano, poderia ser de novo abençoado sem pespega obrigatória de Significado. Um grande tento – e um enorme sucesso. E com essa abstração, destroná-lo do Terceiro Império. Só que (graças, adeus) era muito, muito, muito melhor Psicanalista do que Teórico. Mas, recebendo as palmas do caga-regras marxista do momento, um chamado Althusser (meio

maluco), ficou logo mui famoso e potentado no seio lá daquele fulguroso movimento. Um Mestre, finalmente!

A coisa geral, dita ESTRUTURA, então pegou, mesmo quando virada ao contrário.

Fosse a direito, como um Barthes estupefato, com seus mais ou menos semiológicos enquadramentos, fosse de avesso, com os Pós do tal estrato.

Um Lyotard, por exemplo, todo embarcado n'A "Condução" Pós-Moderna, fez muita gente e muita obra deslizar para fora desse estrato, mas com a referência nele ainda como substrato.

Tem gente que ficou muito mais importante, badalou pelo planeta e fez escola até na Estranja, armando grandes rebus que contagiaram fortemente multidões de acadêmicos e iletrados entre seminários e saunas.

Como um Foucault, por exemplo. Jovem homossexual suicida, operou um revirão tão fantástico que, em vez de se matar, tornou-se o Herói Guerreiro Gay contra todo tipo normal de imbecilidade. De qualquer tipo mesmo. E conseguiu fundar uma nova Arqueologia capaz de desenterrar demasiados antigos artefatos dominantes e desfazê-los em pós e em migalhas. Mostrando a sua farsa.

Sem falar num bicéfalo famoso, Deleuze-Guattari de muito grande sucesso. Muito irritado com a vertente paranoica, mais corrente, inclusive na Psicanálise, partiu para a porrada contra o Édipo careta e, loucura por loucura, reclamou para Artaud o grande exemplo da postura mais transepta: a da razão do esquizo. Ganhou palmas à beça – e arrebanhou montões de seguidores. Fez do Mundo um Plural, e de uma vez e por todas.

E por último, embora não necessariamente derradeiro, Derrida. Este, coitado, passou por uma infância desbotada, no Magrebe, de onde herdou, sem quase ter notado, uma raiva da imagem, uma paixão iconoclasta pela Escrita, que resultou quem sabe necessariamente numa espécie de Gramatologia Islamoide. Muito eficaz, entretanto, capaz mesmo de imantar porções grandes de gente no afã de “Desconstruir” nosso ocidente cristianizado.

O qual já era um mau legado: faço a suposição, que me parece cabível, de que, se aqueles três patetas não tivessem esfaqueado Júlio Cesar, com adiantos de três séculos algum Terceiro Império se teria implantado, ou pelo menos gestado, sem o ônus terrível de uma religião SM. Aliás, é o que pode acontecer novamente com o Quarto. Cada Era tem o Constantino que merece. Não há promessa divina de Utopia. Como já se aprendeu e bem se sabe.

E mais demonstrativo do que tudo, essa plêiade fantástica acabou por inseminar a Norte-América com fortíssima espermática vigência – a nomeada *French Theory* – doutoral sobre Gêneros e Femismos, e viradas culturais e políticas, e literárias e filosóficas, e musicais e artísticas, que bagunçaram, de uma vez por todas, o coreto acadêmico dos Ianques. E tudo se espalhou gloriosamente na grande Cafonália Americana. Para tudo, para Nada.

Exemplar é a sexualidade gênero-classificada L-G-B-T-X-Y-Z-Etc.eTal. Patotas de artifício, naturalmente, que tanto muito se adoram e muito se odeiam, mesmo internamente, em diatribes as mais endiabradas, por não reconhecerem, finalmente, que esta espécie maluca que nós somos faz cada qual ser SUI-GENERIS, mentalmente, sexualmente – por cada Fantasia idiotizada.

Por isso é que os chamei de OS COVEIROS. Sem saber, sem querer, inumaram o velho Império, esse ex-nosso Terceiro, cujo velório continuamos frequentando sem notar que já apodrece por debaixo de um terreiro devastado. E cujo Luto nem ainda começamos. Que apenas nos mantemos bestialmente chocados. E apavorados.

Com isto, alguns (se não mesmo maioria), estão correndo para trás, para o perecido passado. Como se fosse possível.

---

Corações mumificados. E estamos neste interregno em que estamos, aturdidos e assustados, sem ainda nenhuma dica no horizonte que nos conduza a novo estado?

Essa tchurma que citamos, não tem nada de errado. Cada qual mais genial – só que TODOS datados. Não adianta procurar em seus palpites, seus escritos, suas charlas, que lá não se desenham os intrincados refolhos deste Mundo Novo que mal-dispostos enfrentamos e atoleimados só desconhecemos. A grande tunda do Acontecimento.

Aliás, nenhuns saberes do passado estarão mais autorizados. Triste fato.

“E agora, José?” como diria o d’Andrade... Eu não sei? Ninguém sabe? Alguns vão tentando, mais ou menos dotados. Mas ainda pouco notados.

Quanto a mim, apenas os convido a pensar Tudo **NOVAMENTE**. Como tento. Como trago.

02 fevereiro 2022